
A PRODUTIVIDADE DO LÉXICO TUPINAMBÁ NO PORTUGUÊS DO BRASIL*

Laércio Nora Bacelar**

Marcos Lúcio de Sousa Góis***

RESUMO

Considerando-se que uma das características marcantes da língua portuguesa no Brasil é o significativo substrato tupi, este trabalho objetiva tecer algumas considerações sobre a produtividade do léxico de origem tupinambá, sobretudo em vocábulos compostos e derivados morfológicamente híbridos.

1 - Introdução

Alguns dos manuais ortográficos e gramáticas normativas da língua portuguesa editados no Brasil ensinam-nos algumas "regras de grafia" com base na etimologia "tupi-guarani", africana ou "exótica", ainda que tais convenções para o "emprego de determinadas letras" não constem explicitamente nas "Instruções" do *Formulário Ortográfico da Língua Portuguesa*, (FERREIRA, 1986: IX-X). De fato, uma leitura atenta do *Formulário*, aprovado em 12 de agosto de 1943, deixa entrever que a única referência indireta à etimologia "tupi-guarani" aparece no capítulo XIV, relativo ao emprego do hífen:

* Trabalho apresentado no III Congresso de Ciências Humanas, Letras e Artes de Minas Gerais, realizado na Universidade Federal de Juiz de Fora, de 27 a 30 de maio de 1997.

** Mestre em Linguística pela UnB. Professor da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Goiás (UFG).

*** Graduando em Letras pela Faculdade de Letras da Universidade Federal de Goiás (UFG).

Nos vocábulos formados por sufixos que representem as formas adjetivas como *açu*, *guaçu* e *mirim*, quando o exige a pronúncia e o primeiro elemento acaba em vogal acentuada graficamente: *andá-açu*, *amoré-guaçu*, *anajá-mirim*, *capim-açu*, etc.

Tomando-se como base o *Guia prático de ortografia* (1996), de TERRA & NICOLA, observa-se que, entre os casos de emprego do *X*, do *Ç* e do *J*, figuram aqueles que exigem o reconhecimento da etimologia tupi, como se lê em:

Emprega-se o *ç* em:

- a) palavras de origem árabe, tupi ou africana.
açafão caçula muçulmano
açúcar juçara paçoca
araçá miçanga Piraçununga. (p. 48);

Emprega-se a letra *x*:

- a) ...
- b) em palavras de origem indígena ou africana:
abacaxi, caxambu, orixá, xangô, xará, xavante

O problema que se coloca é: como o usuário da língua pode reconhecer vocábulos de origem árabe, africana e tupi (ou de outras línguas indígenas), para escrevê-los ortograficamente "corretos", se não há ensino explícito? Além disso, como distinguir no léxico vernáculo os vocábulos de etimologia tupi para o emprego de *X*, *Ç* e *J*?

O único caminho para tal reconhecimento, nesse caso, é a experiência de vida. Do mesmo modo, para reconhecer palavras oriundas de línguas africanas, a única forma parece ser a vivência e, a partir daí, associá-las à cultura afro-brasileira, mais precisamente à cultura baiana. No que diz respeito ao léxico de origem tupi-guarani, há, entretanto, pelo menos uma via relativamente segura: um conhecimento, ainda que superficial, da morfologia do Tupi Antigo ou Tupinambá.

Contudo, ainda assim, alguns vocábulos genuinamente tupinambá de tal forma se consagraram pelo uso em terras brasileiras que boa parte dos usuários da língua tem dificuldade em reconhecê-los como tais. É o caso de *mutirão* (do Tupi [moti'rõ]¹) e suas variantes (ou *corruptelas*) tais como *mutirum*, *muxirão*, *muquirão*, *ponxirão* etc, entre outras quatorze, segundo o *Dicionário Aurélio*. Por outro lado, em virtude da imagem de

país tropical ("*Yes, nós temos bananas!*"), não raro a maioria dos falantes brasileiros acredita que abacate, banana, goiaba, manga e papaia, por exemplo, por serem frutas abundantes no país, seriam tipicamente nacionais. Conseqüentemente, por associação a nomes de outras frutas, as palavras que as designam também seriam de origem "tupi-guarani" no imaginário popular.

Assim, cometem-se alguns equívocos: abacate (do Nuaatlé [awa'katl]); banana (provavelmente do Taino [ba'nana]); manga (do Malaiala [maŋga]); goiaba (do Aruaque [gwaɣ'aba]) e papaia (do Caribe [pa'paya], via Espanhol latino-americano), segundo HECKLER, SJ et alii (1984). Somem-se a tais equívocos que, dadas as variações lingüísticas verificáveis no Brasil, muitas das palavras genuinamente tupi sofreram transformações fonéticas e semânticas aqui e ali. Desse modo, fica difícil reconhecê-las etimologicamente. Finalmente, um último problema: como rotular de "palavra de origem tupi" um derivado híbrido cuja base lexical não é tupi?

2 - Substrato tupinambá: produtividade lexical

A idéia de uma única língua, o "Tupi-Guarani", que teria sido e/ou ainda é falado pelos índios brasileiros, faz parte do folclore lingüístico nacional. Assim sendo, não se tem a consciência de que Tupi-Guarani não foi e não é uma língua, mas uma família lingüística, à qual se filiam aproximadamente 21 línguas vivas, algumas das quais, por sua vez, subdivididas em dialetos. Tal equívoco aparece nas páginas do *Almanaque Abril* (1993: 752):

O *tupi-guarani*, usado como língua geral até a metade do séc. XVIII, teve sua utilização proibida por uma Provisão Real de 1757; mas, a essa altura, já estava sendo suplantado pelos portugueses em virtude da chegada de grandes levas de imigrantes da metrópole.

Da mesma forma, não se tem consciência de que o Tupinambá, ou simplesmente Tupi, foi a língua de contato entre índios e portugueses, da expansão bandeirante e, além disso, por quase três séculos, a língua predominante no Brasil, falada por índios, colonos portugueses e negros escravos de várias etnias, como acentuou RODRIGUES (1986:21):

A língua indígena mais conhecida dos brasileiros - conquanto esse conhecimento se limite em regra só a um de seus nomes, *Tupi*, é justamente o *Tupinambá*. Esta língua foi predominante nos contatos entre portugueses e índios nos séculos XVI e XVII e tornou-se a língua da expansão bandeirante no sul e na ocupação da Amazônia no norte. *Seu uso pela população luso-brasileira, tanto no norte quanto no sul da Colônia, era tão geral no século XVIII, que o governo português chegou a baixar decretos (cartas régias) proibindo o povo de usá-la.* Uma consequência da prolongada convivência do Tupinambá com o Português foi a incorporação a este último de um considerável número de palavras daquele.

Como se observa, o domínio do Tupinambá como língua mais falada no Brasil durante três séculos não consta na história oficial do país. O desconhecimento deste fato leva a interpretações errôneas. Por exemplo, é comum na crítica literária, em *O triste fim de Policarpo Quaresma*, de Lima Barreto, atribuir ao protagonista um traço caricatural porque o mesmo defendia o "Tupi-Guarani" como língua oficial do país. Hoje, dada a distância temporal, tal "defesa" pode ser algo quixotesco, mas, para a época em que o romance foi escrito, possivelmente não soaria tão caricatural assim, se se considera que o Português só começou a suplantar o Tupinambá no século XVIII, no centro-sul do país. Evidentemente, levando-se em consideração a formação etnocultural do país, é importante salientar que o Tupinambá, antes conhecido como "Língua Brasilica", tendo predominado em área tão vasta, esteve sujeito a variações regionais e a alterações morfofonéticas, o que explica as *corruptelas* de um determinado item lexical, como as de "mutirão" supracitadas. Em outras palavras, como qualquer outra língua natural, o Tupinambá esteve sujeito aos processos de variação e mudança lingüística desde a fase em que foi chamado de "Língua Brasilica" (séc. XVI) até o momento em passou a ser denominado simplesmente Tupi (séc. XIX).

O resultado da grande difusão espaço-temporal do Tupinambá ao longo da história do Brasil Colônia foi a coexistência de duas grandes variantes da língua. A primeira seria o Tupinambá propriamente dito, a língua corrente dos índios tupinambá, ao passo que a segunda seria a língua da população mestiça, produto da miscigenação entre índios, negros e brancos, que resultou numa das características etnoculturais do país ("Língua Brasilica"). A esta segunda variante dá-se o nome de Língua Geral (para o dialeto do centro-sul do país) e o de Língua Geral do Norte ou Língua

Geral Amazônica (para o diletto do norte). Logo, pode-se então pressupor três grandes variantes sob o rótulo Tupinambá. Assim, coexistindo com o Português, essas variedades lingüísticas deixaram neste suas influências (o substrato) ao longo do tempo e do espaço geográfico. É natural, portanto, que o Português do Brasil apresente não só uma incalculável contribuição do léxico tupi, bem como variações diacrônicas, diatópicas e diastráticas de determinado termo genuinamente Tupinambá: tatarana, taturana, tutuarana, suçarana, ambira (?), mandorová, mandruvá, entre outras, ao lado de criações portuguesas como bicho-cabeludo, lagarta-de-fogo, lagarta-cabeluda etc.

Contudo, é importante salientar que, se desde os primeiros contatos entre brancos e índios, o Português foi tomando por empréstimo palavras do léxico indígena para nomear a nova realidade e os novos itens culturais, o mesmo não se pode dizer do caso contrário, pois o Tupinambá resistiu à incorporação de palavras portuguesas. Assim, por exemplo, o Português tomou do Tupinambá palavras como arapuca, abacaxi e tapioca para nomear novos dados, respectivamente a *armadilha para pássaros*, o *fruto* e um *certo tipo de beiju de mandioca*. Mas, quando os índios travaram contatos com os portugueses, também estavam expostos a uma nova realidade e, conseqüentemente, a novos dados culturais. Para nomear esses dados, o Tupinambá recorreu ao próprio sistema lingüístico, através de criações analógicas. Vejam-se alguns exemplos:

1º.) a *foice*, para os indígenas, também era um novo dado cultural e, para nomeá-la, ao invés de tomar a palavra "foice" por empréstimo ao português, os índios tupinambá recorreram a um dado cultural existente e, por analogia, criaram uma expressão descritiva, configurando um neologismo na língua, como nos casos abaixo, em transcrições fonéticas aproximadas:

- a) dado cultural existente: [yt] "machado de pedra" + característica analógica: [a'paʃa] "torto", donde [ita'paʃa] "machado torto" = "foice" = dado cultural novo.
- b) dados culturais existentes: [akaŋ] "cabeça" + [aɔβ] "envoltório" + [ufu'pɛ] "cogumelo", donde [akaŋgaoβufu'pɛ] "envoltório para a cabeça em forma de cogumelo" = "chapéu" = dado cultural novo.

Como se observa, a relação entre o Tupinambá e o Português brasileiro (e suas variantes) ao longo de aproximadamente três séculos, do ponto de vista dos empréstimos lingüísticos, era unilateral: o primeiro como "língua-fonte", fornecedora, e o segundo como "língua alvo", receptora.

Assim sendo, o Português brasileiro, enquanto "língua-alvo", recebeu do Tupinambá um significativo acervo lexical relativo à flora, à fauna, à toponímia da paisagem geográfica, aos hábitos, crenças, instrumentos e congêneres, à medida que os mesmos iam se incorporando à cultura nacional em formação. COUTINHO (1962: 381), embora sucintamente, aponta termos de procedência tupi e ressalta a produtividade dos "indigenismos":

A incorporação de muitos indigenismos à nossa língua foi tão perfeita que eles se tornaram produtivos, servindo para a formação de compostos e derivados: uribu-rei, tiê-sangue, sabiá-da-praia, jabuticabal, jabuticabeira, cajueiro, cajueiral, cajuada, capinzal, camaubeira, ingazeiro, sapezal.

Por sua vez, RODRIGUES (1986: 21) sobreleva a importância dessa herança lingüística, citando exemplos de dados estatísticos relativos à zoonímia oriunda do Tupinambá:

Numa amostra de pouco mais de mil nomes brasileiros populares de aves, um terço, cerca de 350 nomes, é oriundo do Tupinambá. Numa outra área da fauna, em que a interação entre portugueses e índios deve ter sido mais intensa, pois uns e outros eram grandes pescadores, a participação do vocabulário Tupinambá é ainda maior: numa amostra de 550 nomes populares de peixes, quase a metade (225 ou 46%) veio da língua indígena. É notável a quantidade de lugares com nomes de origem Tupinambá, quase sem alteração de pronúncia, muitos deles dados pelos luso-brasileiros dos séculos passados a localidades onde nunca viveram índios Tupinambá.

Como se pode notar, é inegável a contribuição da língua indígena. Mas a citação supra deixa entrever que provavelmente muitos dos topônimos considerados Tupinambá foram forjados no Português por luso-brasileiros, sobretudo jesuítas em missões catequéticas, com base em lexemas e morfemas derivacionais. Para citar um exemplo clássico, o topônimo

Tupaciguara, nome de uma cidade do triângulo mineiro, região de cerrado onde predominavam índios do grupo lingüístico Macro-Jê, e não Tupi, é composto de [tu'pã] "Deus" (numa tradução malfeita) + [sy] "mãe" + [gwaɾa] "aldeia", donde Tupaciguara = "cidade da mãe de Deus". Neste caso, temos um composto em que todos os elementos são originários do Tupinambá.

Entretanto, há pelo menos três casos curiosos de compostos e derivados híbridos que relevam a produtividade do sistema. O primeiro é constituído por substantivos compostos em que pelo menos um dos lexemas é originário do Tupinambá e o(s) outro(s) do Português e/ou de outras línguas. Como exemplo, cite-se: *sabiá-branco*, composto de *sabiá* (do Tupi [haabi'a]) + *branco* (do Germ. [blank]). O segundo caso diz respeito a substantivos cujos lexemas são Tupinambá ao passo que os morfemas derivacionais e flexionais são do Português. Tome-se, a título de exemplo, o verbo *empipocar*, derivado do Tupi [pi'pɔka] 'estalando a pele'. No terceiro caso, opera-se o processo inverso: a um lexema do Português, já oriundo de uma outra língua, soma-se um morfema sufixal Tupinambá, como em *canarana*, composto de "cana" (do Latim ['kanna] + o sufixo {-rana} (do Tupi ['rana] 'semelhante a') e *abelharana*, composto de *abelha* (do Latim [a'pikula] 'abelha') + {-rana}.

A partir dos processos de formação de palavras supra, composição e derivação híbridas, o léxico de base tupinambá apresenta uma altíssima produtividade na formação de famílias de palavras, algumas das quais muito extensas dado o significativo número de cognatos. Por exemplo, no *Dicionário Aurélio* encontram-se registrados 63 vocábulos compostos cujo núcleo lexical é *capim* (do Tupi [kaʔapiʔi]) 'folha delgada', tais como *capim-agreste*, *capim-azul*, *capim-de-corte*, *capim-santo* etc., além de outros derivados, entre os quais *capinar*, *capina*, *capinador*, *capinzal* etc.

Verbete: *capim* [Do tupi caá pi'i, 'folha delgada']

capim-açu	capim barba-de-bode
capim-agreste	capim-balça
capim-amarelo	capim-bambu
capim-amargoso	capimbeba
capim-amonjeaba	capim-bobó
capim-azul	capim-branco

capim-branquense
capim-burrão
capim-canudinho
capim-catingueiro
capim-cheiroso
capim-cidreira
capim-colonião
capim-guiné
capim-da-cidade
capim-de-burro
capim-da-colônia
capim-flecha
capim-gordura
capim-guedes
capim-guené
capim-guiné
capim-jaraguá
capim-limão
capim-marmelada
capim-meladinho
capim-guiné
capim-melado
capim-gordura
capim-membeca
barba-de-velho
capim-mimoso
capim-mururu
capim-guiné
capim-puba
capim-beba
capim-roseta
capim-santo
capim-sapé
capim-seda

capim-de-burro
capim-trapoeraba
capim-vetiver
capim-de-angola
capim-do-pará
capim-guiné
capim-de-burro
capim-de-cavalo
capim-do-pará
capim-guiné
capim-de-cheiro
capim-de-corte
capim-do-pará
capim-guiné
capim-de-feixe
capim-guiné
capim-de-lastro
capim-do-pará
capim-de-mula
capim-guiné
capim-de-pernambuco
capim-do-pará
capim-de-planta
capim-do-pará
capim-guiné
capim-de-soca
capim-guiné
capim-do-seco
capim-guiné
capim-elefante
capim-fino
capim-do-pará

Se a esta família acrescentarmos topônimos obviamente não dicionarizados, tais como Capim Branco (MG), Capim Grosso (BA), Capinópolis

(MG) e Capinzal (SC), ela se torna ainda mais numerosa e indefinida, uma vez que citamos apenas topônimos de municípios na impossibilidade de levantarmos distritos, bairros, vilas, povoados e lugarejos, que possivelmente existam em algum ponto do território nacional. Um outro exemplo é o caso de cipó (do Tupi [si'pɔ]), cuja família totaliza 56 cognatos, inclusive o curioso verbo cipoar, além de topônimos como Cipó (BA), Cipotânea (MG) e Serra do Cipó (MG). Acrescente-se a isto que, nesta família, pelo menos alguns substantivos têm conotações eróticas, como registra ALMEIDA (1981: 75). Nota-se, então, que nem sempre é fácil delimitar com exatidão a extensão de uma família de palavras oriunda do Tupinambá. Por outro ângulo, dada a proliferação de compostos híbridos no Português do Brasil, há também exemplos de famílias muito extensas, de determinados substantivos formados por composição, a partir de um núcleo vernáculo, entre os quais figuram vários que apresentam, na posição de complemento genitivo, um elemento tupinambá. Como exemplo, o *Dicionário Aurélio* registra mais de 120 compostos formados a partir de "pau" (do Latim ['palus]), dentre os quais vários contêm um elemento tupi: pau-de-arara, pau-de-cubiú, pau-de-cutia, pau-de-embira, pau-de-mocó, pau-de-tucano, paumirim, pau-paraíba etc. Logo, mesmo com um levantamento exaustivo, a partir do léxico português já dicionarizado, fica difícil determinar o "tamanho" da contribuição tupi na língua do Brasil, mesmo porque muitos vocábulos de uso regional ainda não chegaram aos dicionários.

A produtividade do sistema não pára por aí. Um levantamento de palavras do Português brasileiro finalizadas pelo sufixo {-açu}, do Tupinambá [a'su] ~ [gwa'su] 'grande', revela 196 vocábulos comuns, número ao qual deveriam somar-se topônimos tais como Igaracu (PE), Manhuaçu e Paraguaçu (MG), entre outros tantos, para se ter uma idéia mais precisa da produtividade lexical tupinambá, pela recorrência deste sufixo.

Sufixo: {-açu} [Do tupi wa'su.] El. comp.

açacu [Do tupi asa'ku.]

acaruaçu [De acarál + tupi wa'su, 'grande'.]

aranhaçu [De aranha + -açu.] S. f. Bras., AM Caranguejeira

cajuaçu [De caju + -açu.]

pacuguaçu [Do tupi pa'ku wa'su, 'pacu grande'.]

cupuaçu [Do tupi kupua'su, 'cupu grande'.]

O mesmo acontece com o sufixo {-mirim}, do Tupinambá [mi'rĩ] 'pequeno': aproximadamente 45 vocábulos registrados no *Aurélio*, além de inúmeros topônimos como Manhumirim (MG), Guajará-Mirim (RO) e Jarumirim (SP). Este sufixo chega, inclusive, a ganhar autonomia, passando a valer como adjetivo ("homem mirim"):

Sufixo: {-mirim} [Do tupi mi'r0.]

abatimirim [De abati + -mirim.]

abelhamirim [De abelha + -mirim.]

aí-mirim [De aí1 + -mirim.]

araçá-mirim [De araçá + -mirim.]

bacabamirim [De bacaba + -mirim.]

ipecumirim [Do tupi ipe'ku mi'r0, 'pato pequeno'.]

jatobá-mirim [Do tupi yata'wa mi'r0, 'jatobá pequeno'.]

potimirim [Do tupi potimi'ri, 'camarão pequeno'.]

quatimirim [Do tupi kwa'ti mi'r0, 'quati pequeno'.]

Outros morfemas derivacionais sufixais, às vezes, são mais difíceis de serem reconhecidos, levando-se em consideração os casos de alomorfia. O sufixo {-tuba}, do Tupinambá [tuba] ~ [tiba] 'abundância', 'grande quantidade de', a título de ilustração, está presente em 13 substantivos comuns, em vários topônimos como Araçatuba (SP), Jabuticatubas (MG), Indaiatuba (SP) e Goiatuba (GO), mas fica meio camuflado em araçatubense, jabuticatubense (não dicionarizado), curitibano etc.

A produtividade lexical dos empréstimos tupinambá na língua portuguesa do Brasil também pode ser verificada em expressões idiomáticas: "estar na pindaiba" (= 'estar sem dinheiro'), "ficar no caritô" (= 'ficar solteira'), "velha coroca" (= 'velha ranzinza, nervosa'), "tocar uma siririca" (= 'masturbação feminina') etc. Sejam registrados, ainda, vários casos de mutação semântica como, entre outros, o de "piroca" (do Tupi [pi'r0ka] 'calvo') que, passou a significar 'pênis', na linguagem (chula) coloquial.

Sufixo: {-oca}

biboca [Do tupi ibi, 'terra' + boka, ger. de bog, 'fender-se'.]

carioca [Do tupi kari'oka, 'casa do branco'.]

paçoca [Do tupi pa'soka.]

coroca [Do tupi ko'roka, 'rabugento'.]
mandioca [Do tupi mândi'og.]
muriçoca [Do tupi muri'soka.]
pipoca [Do tupi pi'poka, 'estalando a pele'.]
piroca [Do tupi pi'roka, 'calvo'.]
pororoca [Do tupi poro'roka, ger. de poro'rog, 'estrondar']
tapioca [Do tupi tipî'og, 'sedimento, coágulo'.]

Tome-se também, como exemplo, o sufixo {-rana} :

Sufixo: {-rana} [Do tupi. 'semelhante a']

açacurana [Do tupi asaku'rana, 'semelhante ao açacu'.]
açairana [Do tupi yasai'rana, 'semelhante ao açai'.]
batatarana [De batata + -rana.]
cajurana [Do tupi akayu'rana, 'semelhante ao caju'
canarana [De cana + -rana.]
jauarana [Do tupi ya'wara + -rana, 'semelhante a cão'.]
limãorana - *limão (persa) + rana (tupi)* [De limão + -rana.]
paraná [Do tupi para ná, 'semelhante ao mar'.]
tatarana [Do tupi tata'rana, 'semelhante a fogo'.]
taturana [Var. de tatarana < tupi tata'rana, 'semelh. a fogo'.]

Como se observa, a influência do Tupinambá é muito maior do que se pensa. Assim sendo, o rótulo "tupinismo" não explicita bem o fenômeno dos empréstimos cedidos ao Português. Uma série de outros exemplos que reforçam a idéia de produtividade do sistema mórfico tupinambá poderiam ser aqui citados mas, pela exigüidade de espaço gráfico, não é possível fazê-lo.

3 - Conclusão

Se algumas regras de ortografia para o emprego de certas letras (Ç, J e X) só funcionam se o usuário da língua reconhece a etimologia do vocábulo a ser escrito, os poucos exemplos de "tupinismos" arrolados pelos manuais ortográficos e gramáticas normativas tradicionais não são suficientes para sanar uma série de dúvidas. Se a convenção ortográfica pressupõe o reconhecimento de palavras árabes, africanas e sobretudo as

de origem "tupi-guarani", o sistema de ensino deveria, então, oferecer ao aprendiz algumas noções elementares dessa(s) língua(s) suficientes para que ele possa reconhecer tais vocábulos. Mas, como o Tupinambá é o grande substrato do Português do Brasil, tornando-o lexical e semanticamente bastante distinto do Português lusitano, no mínimo, os estudos de língua portuguesa deveriam dar um pouco mais de atenção à imensa contribuição Tupinambá. Logo, a ortografia de palavras oriundas dessa língua indígena passa necessariamente pelo conhecimento de determinados lexemas e morfemas derivacionais de grande produtividade, como alguns dos citados neste trabalho. A par da ênfase na produtividade do sistema mórfico tupinambá, seria necessário um levantamento exaustivo da toponímia de mesma etimologia (embora exista relativa bibliografia) intimamente relacionada aos respectivos adjetivos gentílicos. De resto, uma pesquisa acerca de antropônimos e expressões idiomáticas com elementos Tupinambá - diacrônica, sincrônica e diatopicamente - faz-se necessária. Vale ainda lembrar que a Língua Geral Amazônica ou Nheengatu ou ainda Tupi Moderno, falada como segunda língua na região amazônica, provavelmente continua lexicalizando o Português local, dada a dinâmica inerente aos processos de variação e mudança lingüística.

ABSTRACT

This paper presents some considerations about the productivity of Tupinambá's loan words in Brazilian Portuguese, with emphasis in compounding and derivating lexical itens morphologically hybrids.

NOTAS

1. As transcrições fonéticas aproximadas apresentadas neste trabalho baseiam-se nas apresentadas por FERREIRA, Aurélio B. de Holanda. IN: *Novo Dicionário da Língua Portuguesa*.

BIBLIOGRAFIA

ANCHIETA, Pe. José de. *Artes de gramática da língua mais usada na costa do Brasil*. Ed. fac-similar. São Paulo: Loyola, 1990.

- ALMANAQUE ABRIL. São Paulo: Abril, 1993. Anual.
- ALMEIDA, Horácio. *Dicionário de termos eróticos e afins*. 2. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1981.
- COUTINHO, Ismael de Lima. *Gramática histórica*. 5. ed. rev. aum. Rio de Janeiro: Acadêmica, 1962.
- FERREIRA, Aurélio B. de H. *Novo dicionário da língua portuguesa*. 2. ed. rev. e amp. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.
- HECKLER, S.J., Evaldo; BACK, Sebald; MASSING, Egon. *Dicionário morfológico da língua portuguesa*. 5 v. São Leopoldo: UNISINOS, 1984.
- MELATTI, Júlio Cezar. *Índios do Brasil*. 7. ed. São Paulo/Brasília: HUCITEC/Edunb, 1993.
- MELLO, Octaviano. *Dicionário Tupi-Português, Português-Tupi*. São Paulo: Folco Masucci, 1967.
- PONTES, Salvador Pires. *Noções da gramática Tupi*. Belo Horizonte: Imprensa Oficial, 1981.
- RIBEIRO, Berta G. *O índio na cultura brasileira*. 2. ed. Rio de Janeiro: Revan, 1991.
- RODRIGUES, Aryon D. *Línguas brasileiras*. São Paulo: Loyola, 1986.
- _____. Descripción del Tupinambá en el período colonial. In: *Arte de gramática da língua mais falada na costa do Brasil*, de José de Anchieta." Comunicação apresentada ao Colóquio Internacional sobre Gramática de Línguas Ameríndias no Período Colonial, do Instituto Ibero-Americano, Berlim, 1994.
- SUMA Etnológica Brasileira. Edição atualizada do *Handbook of South American Indians*. Darcy Ribeiro (Editor) et alii. Volume I. *Etnobiologia*. Volume II. *Tecnologia Indígena*. Volume III. *Arte Índia*. Coord. Berta G. Ribeiro. Petrópolis: Vozes, 1987.
- TERRA, Ernani & NICOLA, José de. *Guia prático de ortografia*. São Paulo: Ed. Scipione, 1996.
- XAVIER, Maria F. & MATEUS, Maria H. (org.). *Dicionário de termos lingüísticos*. Vol.1. Lisboa: Cosmos, s/d.